

**UNIVERSIDADE, CIÊNCIA E RELIGIÃO: SOB A ÓTICA DECOLONIAL DE
BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS**

**UNIVERSIDAD, CIENCIA Y RELIGIÓN: DESDE LA PERSPECIVA DECOLONIAL
DE BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS**

**UNIVERSITY, SCIENCE AND RELIGION: FROM THE DECOLONIAL
PERSPECTIVE OF BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS**



Ana Maria DIETRICH¹
e-mail: ana.dietrich@ufabc.edu.br



Cecília de Oliveira PRADO²
e-mail: cecilia.prado@ufabc.edu.br

Como referenciar este artigo:

DIETRICH, A. M.; PRADO, C. de O. Universidade, ciência e religião: sob a ótica decolonial de Boaventura de Souza Santos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024120, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.18720>



| **Submetido em:** 29/11/2023
| **Revisões requeridas em:** 06/03/2024
| **Aprovado em:** 14/03/2024
| **Publicado em:** 21/10/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André – SP - Pós-doutora pelo Departamento de Sociologia do IFCH da Unicamp. Doutora em História Social pela USP.

² Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André – SP – Brasil. Doutoranda no Programa de Ensino e História das Ciências e da Matemática (UFABC-SP).

RESUMO: Nosso intuito é desvelar como Boaventura de Souza Santos (1940-) entende o papel da universidade, ciência e religião, articulando-os dentro das epistemologias do Sul, as quais são um conjunto de procedimentos que visam reconhecer e validar os conhecimentos produzidos nas lutas, contra o capitalismo por aqueles que mais sofreram as injustiças dessa dimensão capitalista, colonialista e patriarcal; porque partem da ideia de que quem sofre de uma tende a sofrer da outra, porque elas estão articuladas. Os resultados esperados para a pesquisa foram quanto às respostas para a religião na universidade e seu efeito e na perspectiva decolonial. Nas conclusões, observamos que a obra de Boaventura trouxe muitas contribuições, inclusive a de que a religião é entendida como uma forma de dignidade e luta; quanto à pesquisa, buscou-se identificar a universidade na concepção de ciência e religião na perspectiva das epistemologias do sul; para o estudo, utilizamos a revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade. Ciência. Religião. Epistemologias do Sul.

RESUMEN: *Nuestro objetivo es revelar cómo Boaventura de Souza Santos (1940) entiende el papel de la universidad, la ciencia y la religión, articulándolas en las epistemologías del Sur, que son un conjunto de procedimientos que apuntan a reconocer y validar los conocimientos producidos. en las luchas contra el capitalismo de quienes más sufrieron las injusticias de esta dimensión capitalista, colonialista y patriarcal; porque parten de la idea de que quien sufre por uno tiende a sufrir por el otro, porque están articulados. Los resultados esperados de la investigación giraban en torno a las respuestas a la religión en la universidad y su efecto y desde una perspectiva decolonial. En las conclusiones observamos que la obra de Boaventura trajo muchos aportes, entre ellos que la religión es entendida como una forma de dignidad y lucha; en cuanto a la investigación, buscó identificar a la universidad en la concepción de ciencia y religión desde la perspectiva de las epistemologías sureñas; Para el estudio se utilizó la revisión bibliográfica.*

PALABRAS CLAVE: Universidad. Ciencia. Religión. Epistemologías del Sur.

ABSTRACT: *Our aim is to reveal how Boaventura de Souza Santos (1940-) understands the role of the university, science and religion, articulating them within the epistemologies of the South, which are a set of procedures that aim to recognize and validate the knowledge produced in struggles, against capitalism by those who most suffered the injustices of this capitalist, colonialist and patriarchal dimension; because they start from the idea that whoever suffers from one tends to suffer from the other, because they are articulated. The expected results for the research were regarding responses to religion at the university and its effect and from a decolonial perspective. In the conclusions, we note that Boaventura's work brought a lot of contributions, including that religion is understood as a form of dignity and struggle; regarding research, he sought to identify the university in the conception of science and religion from the perspective of southern epistemologies; For the study, we used the bibliographic review.*

KEYWORDS: University. Science. Religion. Southern Epistemologies.

Introdução

Na atualidade, fruto da articulação das heranças capitalistas, colonialistas e patriarcais, nossas universidades, concepção de ciência e de religião, carregam características abissais entre humanidade e desumanidade, presentes nas sociedades.

Nas reflexões sobre o universo estudantil, a universidade, no entendimento sobre a educação no ensino superior, o desenrolar da ciência e a conexão com a religião, observamos as críticas suscitadas por Boaventura de Souza Santos (1940) em suas obras.

O referido autor demonstra o entendimento sobre o papel da universidade, da ciência e da religião na sociedade e os conecta para apresentar uma articulação dentro da perspectiva das epistemologias do Sul. Na compreensão dessas epistemologias, considera-se que são um conjunto de procedimentos que visam reconhecer e validar os conhecimentos produzidos nas lutas, no enfrentamento dos significados do capitalismo por aqueles que mais sofreram as injustiças dessa dimensão capitalista, colonialista e de viés patriarcalista.

Essas questões levaram à busca, em Boaventura, por respostas aos efeitos da colonização nos vieses sociais e educacionais, considerando, neste caso, a universidade. Os possíveis resultados esperados e colhidos advieram da leitura e reflexão das considerações de suas obras que fazem ligações da religião com a universidade, levando-se em conta a perspectiva decolonial.

A religião, para o autor, envolve uma forma de existir e resistir com dignidade através da luta pelos ideais e nesta pesquisa esse viés adveio na concepção de ciência e religião na perspectiva das epistemologias do Sul. Assim, para a realização do estudo, nos pautamos pela utilização da metodologia da revisão bibliográfica das obras do autor Boaventura de Souza Santos, conforme referencial teórico citado nas referências bibliográficas.

Nas universidades

Referindo-se especialmente às universidades públicas (objeto de seus estudos), Boaventura explicita que historicamente as universidades sempre estiveram em crise, elencando um conjunto de fatos que marcaram e mantêm características herdadas do que ele define como uma universidade que não atende as necessidades do conjunto de nossa sociedade, excluindo parcela significativa da população, razão pela qual defende a necessidade de que ela seja refundada. Ao refletir sobre um conjunto de pontos “problemáticos”, Boaventura aponta, dentre outros, alguns fatores:

A formalidade histórica, ou o uso de material e métodos pedagógicos medievais e escolásticos³, de influência eurocêntrica ou ocidental centrista, baseados nos pressupostos de uma sociedade colonialista e capitalista. Colonialista ao divulgar somente o conhecimento produzido pelos vencedores e com características capitalistas, em que prevalecem os instintos individualistas do ser humano em vez de estimular os espíritos de cooperação, fazendo com que a posse da riqueza material individual seja o principal critério de mérito e valor social. Um tipo de ensino fragmentado e desigual, vez que é desenvolvido de forma igualitária em todas as sociedades, inclusive nas desigualdades socioeconômicas, as quais se desdobram em outras desigualdades, tais como: as raciais, as étnico-culturais, as epistêmicas e as sexuais.

Boaventura ressalta ainda que tal ensino não teve como destino o conjunto da sociedade, mas uma elite, uma minoria da população mundial, que iam para universidade se “preparar” para comandar o futuro da nação, perpetuando seus interesses e dominação. Na América Latina, as universidades foram um braço administrativo e intelectual da invasão, buscando formar a elite de duas maneiras: nos países de colonização espanhola, priorizando e criando em suas colônias, universidades com os conteúdos e métodos já citados, e no caso das colônias portuguesas, fazendo com que os estudantes fossem encaminhados para suas universidades, como a de Coimbra, para lá estudarem. Boaventura chama a atenção que, na atualidade, o processo de globalização diminuiu a importância das universidades para elites frente a um projeto de nação, pois eles eram importantes quando o capitalismo tinha uma base nacional; por esse motivo, para seus filhos, uma universidade local, brasileira no nosso caso, não interessa mais, posto que as elites da atualidade vão para as universidades globais, como as de Cingapura, Estados Unidos e Inglaterra. Assim, nossa elite atual demonstra pouco interesse pela sua melhoria.

Como historicamente foi destinada às elites, a universidade rejeitou as classes populares, uma minoria, ou ousaria eu dizer, uma maioria, da população mundial, como refugiados, mulheres, negros, indígenas, LGBTI, entre outros (grupos vítimas de arbitrariedades, sem direitos, considerados sub-humanos).

Os interesses das elites sempre estiveram atrelados aos interesses capitalistas, claramente identificados naquilo que o autor chamou de capitalismo universitário, cuja “relevância” a partir de década de 80, momento de crise de produção do capital, visou atender os interesses da economia, do mercado, da mão-de-obra qualificada e das necessidades de

³ Método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem, com origem nas escolas monásticas cristãs, que concilia a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega.

emprego. Esse momento, de se entender como responsável pela economia, gerou um movimento com três fases: a de formar profissionais que sejam relevantes para o mercado (dando, obviamente, maior valor às engenharias, área que dá mais lucro do que a filosofia, sociologia ou artes, áreas que não dão lucro e não foram consideradas como investimento no futuro); a dimensão monetária que determina e identifica onde investir (não sobrecarregando o Estado, fazendo com que os estudantes paguem sua própria educação, deixando a universidade de ser gratuita) e transformando-a em uma empresa (tendo que ser administrada por administradores e não por professores).

Podemos ver que ao transformar a educação universitária em mercadoria, que pode ser vendida, acarretou formas de atuar que criaram e estimularam o *ranking* das universidades (o valor dos produtos está de acordo com *ranking*, criando uma ordenação internacional), cristalizando a ideia de que o conhecimento que tem valor é aquele que possui valor de mercado agregado.

Essa ideia sobre o conhecimento, (de que o conhecimento que tem valor é o conhecimento que tem valor de mercado), fez com que a universidade adotasse a lógica da produção de acumulação; seja simples ou complexa - simples quando estimula o quantitativo, por exemplo, pressionando seus docentes a publicarem o máximo possível com uma menor preocupação com a qualidade, e complexa quando, por exemplo, estimula patentes, ou seja, aquelas invenções que geram recursos para as universidades. Esse é o chamado capitalismo universitário, o qual assenta-se na ideia de que a universidade é uma grande fonte de recursos para o capital.

Outro ponto que Boaventura Santos expõe é o de que a universidade é muito encimada, com um olhar simultaneamente para frente e para trás. Estar simultaneamente virada para o passado e para o futuro tornou-a a instituição com maior longevidade na comunidade europeia, sem grandes mudanças estruturais. Quando se voltou ao passado a universidade foi conquistada internamente. Todavia, a partir de 1918, reunidos em Cordoba – Argentina, o movimento estudantil elaborou um manifesto com um olhar para o futuro, em que defendiam uma reforma universitária voltada para o futuro, na qual, dentre outros pontos tratados, surgiu a ideia de que além de investigação e pesquisa, tinham que fazer extensão, aproximando-se com responsabilidade social do conjunto da população.

A universidade precisa parar de pensar pequeno. O chamado de pensamento pequeno universitário se revela para Boaventura Santos por ser acomodado, não questionar a instituição e sua estrutura, não questionar as maneiras de sentir, falar e estar. Ancora-se ainda nas crenças

de que o capitalismo, ou a economia e o mercado (como chamam) está aqui para sempre, portanto não a discutem; o colonialismo já existiu, mas já não existe mais; e que o patriarcado está em vias de desaparecer (todas premissas por ele consideradas falsas).

Ao revelar que o pensamento pequeno desestimula a controvérsia e os conflitos intelectuais, o autor nos convida a pensar grande, apontando alguns procedimentos que, sob a ótica das epistemologias do sul, convidam a universidade a se rever, atuando na contramão dos ideais capitalistas, colonialistas e patriarcalistas na esfera das universidades.

Autonomia é um pressuposto que não tem sido dado às universidades e a seu futuro. Se hoje o caráter democrático não é mais ameaçado, como na ditadura, por repressão militar, ele ainda prevalece através da autocensura, quando, por exemplo, se estimula estudantes a filmar e tomar nota de tudo o que dizem os professores, expondo nas mídias para que controlem, vigiem supervisionem, criminalizem e eventualmente expulsem todos àqueles que não comunguem de uma ideologia autoritária.

Para Santos (2019-a), pode-se até admitir que o capitalismo seja legítimo na sociedade, mas, nas universidades, é necessário que haja um sistema democrático para escolha de seus professores e gestores. Não são os representantes de empresas, voltados aos interesses econômicos, quem deve ter representatividade nos órgãos deliberativos universitários. Atuar na perspectiva de uma universidade democrática envolve fazer parte de seus órgãos representativos, além de estudantes, docentes e funcionários, o conjunto de entidades sociais representativas, como por exemplo, uma associação de moradores, uma associação LGBTI, uma associação feminista, uma associação ambientalista etc.

O mérito certamente é um valor, todavia, são fundamentais as condições de distribuição para obter méritos. Nem todos partem do mesmo lugar, não há como um jovem negro, periférico, obter uma vaga numa boa universidade pública e ter que trabalhar para garantir condições mínimas de sobrevivência sua e de seus familiares. Políticas afirmativas, mais do que oportunizar acesso, precisam dar garantias e condições de permanência e de conclusão qualificadas.

Do colonialismo, herdamos atitudes que podemos identificar por racismos, xenofobia, islamofobia, extermínio de jovens negros nas periferias, ainda existente em nossas sociedades, fundamentadas nas universidades através da criminalização dos conhecimentos populares, dos conhecimentos das mulheres e dos homens, das periferias, dos bairros, dos conhecimentos rurais, dos conhecimentos do campo, dos conhecimentos das populações ribeirinhas, das

populações indígenas, das populações afros, dos quilombos, e é esse conhecimento que fervilha hoje as possibilidades do futuro.

Para vencer tais resistências e incluir esses conhecimentos em nossas universidades, é preciso assumir uma ruptura epistemológica, uma justiça cognitiva global, com uma pedagogia pós abissal que identifique essa linha que divide a humanidade tentando superá-la. Para Boaventura Santos, ver a diversidade existente na democracia, especialmente quando saímos da matriz eurocêntrica, é reconhecer que há muitos outros saberes, alguns dos quais nem chegamos, mas estamos no processo, e provavelmente chegaremos a esses saberes. A isto, denomina-se ecologia dos saberes, ou seja, produção dos conhecimentos que combinam o arcabouço científico com o conhecimento popular, favorecendo processos dialógicos horizontais, colaborativos e não extrativistas junto às lutas de comunidades e movimento sociais do Sul Global.

Tais saberes, produzidos nas lutas, contra aqueles que mais sofreram as injustiças, tanto da dimensão capitalista, como colonialista, quanto patriarcal (Boaventura Santos parte da ideia de quem sofre de uma tende a sofrer das outras, porque elas são articuladas), dão a universidade um papel não reduzido a incrementação de currículos e distribuição de diplomas, mas o de preparar para atuar, criando um espaço de pensamento livre e independente.

O atual viés universitário, agravado pelas *fake news* amplamente disseminadas pelas redes sociais, necessita voltar a informalidade de outras formas de sociabilidade: voltar as rodas de conversa, aos grupos de leitura, aos grupos de teatro, ao chamado currículo oculto. Temos que voltar às relações pessoal e interpessoal, quando olhamos para outras pessoas, vendo logo que não são robôs automatizados, vemos os olhos, o sorriso, trazendo de volta o pensamento político, como volta para o pensamento universitário.

Do patriarcado ou heteropatriarcado, cuja herança nos destinou zonas de sub-humanidade e de violência, ausentado uma diversidade de saberes, como os dos movimentos feminista, ecológico, indígena, camponês, de teologia da libertação, urbano, LGBTI, etc. Essa ausência diz respeito a adentrar a universidade e mostrar a sua história e memória. Para esses grupos, é preciso dar-lhes um presente, não um futuro porque trata-se de uma luta do presente, realizar hoje o que queremos no futuro. Trata-se de dar-lhes a possibilidade de mostrar o seu lugar na história, de uma história não contada, ou seja, o esforço para trazer para o âmbito universitário a história dos vencidos, fazendo com ela seja uma protagonista na construção do futuro.

Quando pensamos o futuro, é em função do presente que a gente quer, portanto, o futuro é a luta do presente. As lutas na universidade hoje devem ser todas pré-formativas, nós temos que realizar hoje a universidade que queremos no futuro. Por isso o futuro se realiza agora.

Para fazer transição entre o passado e o futuro, para realizar memórias e histórias, temos que lutar para que essa memória e história sejam cada vez menos excludentes. Para tanto, a universidade, que atualmente encontra-se numa crise endêmica, não sabendo como se defender, precisa de aliados, que não serão encontrados entre as classes dominantes, elites para quem hoje, a universidade não tem o significado dado anteriormente, não só porque seus filhos não mais se formam nela, mas porque buscam o conhecimento livre e desimpedido nas empresas de consultorias, que privilegiam em qualquer dos temas a tratar, uma análise para o cliente, a mando do cliente, para chegar as conclusões que o cliente quer. Portanto, os aliados das universidades são as classes populares, as classes médias, aquelas classes que a universidade sempre rejeitou.

As classes populares estão tão distantes da universidade que nem sequer tem ideia de que tem que defende-la. A universidade lhes deu as costas ao longo de tantos séculos que agora precisar de ajuda chega a ser irônico de sua parte. As classes médias provavelmente sim, tem mais interesse, porque quando começaram a ver seus filhos entrar na universidade pelo PROUNI, por exemplo, através das ações afirmativas, e perceber que elas podem eventualmente desaparecer, terão de regressar de onde partiram, senão, aquela promoção que lhes foi prometida não vai ter lugar.

Portanto, ambos são, aliados fracos socialmente, porque fustigados pelo neoliberalismo (reforma da previdência, declínio dos serviços públicos de educação e saúde) revelam a lógica de serviço pobre para pobres.

São aliados que dificilmente se pode mobilizar para defender a universidade, mas são o que podem garantir sua sobrevivência; para tanto, a universidade tem que dar sinais fundamentais de resistência e se aproximar deles, não dá, então, para esperar que sejam eles a se aproximar da universidade.

Para se avizinhar das classes populares, cujos conhecimentos sempre foram considerados superstições, subjetivos, sem nenhum rigor, sem nenhuma qualidade, pois só se reconhecia como válido o conhecimento universitário, é preciso mudar. Não podemos nos aproximar deles procurando um diálogo a partir do pressuposto de que o que eles dizem, podemos até ouvir, mas não podemos de maneira nenhuma discutir, portanto, isso significa que esta luta exige uma ruptura epistemológica.

De que ciência se fala?

A ruptura epistemológica de que fala Boaventura Santos critica a ciência como monocultura do saber da modernidade e na concepção por ele defendida, a das epistemologias do sul, ela deve partir de uma diversidade de saberes e experiências.

Durante séculos, habituamos a ter uma confiança extrema na ciência moderna, a tal ponto que pensamos que este era o único pensamento válido, único pensamento rigoroso, e esse é o conhecimento que se ensina na universidade. Apesar de esse não ter sido um fato completamente consensual, no meio universitário essa polêmica tem se acirrado nas últimas décadas.

Na obra de Boaventura Santos, no ano de 2008 “Um discurso sobre as ciências” o autor discorre os principais traços do paradigma dominante, ou seja, da ciência moderna. O primeiro é a arrogância epistemológica, tendo em vista que os acadêmicos, dentro das universidades, colocam-se em um pedestal “de conhecedor de todo saber”, acabando por excluir métodos alheios às instituições de ensino. Isto pode ser um problema, pois afasta a universidade da sociedade e esse afastamento abre espaço para teorias absurdas, fazendo com que as pessoas não deem crédito aos fatos.

O segundo problema identificado é a intensa matematização da vida, pois tudo se explica por meio do argumento numérico e matemático. Essa questão coloca as ciências naturais como superiores às ciências sociais; nas ciências naturais há o império da quantificação, enquanto nas ciências humanas impera a subjetividade e a qualificação. Para o autor, a distinção entre ciências naturais e sociais e entre cultura e natureza não fazem sentido, tendo em vista que só conhecemos o universo que nós criamos. No entendimento de que tudo o que criamos trata-se de cultura, neste ponto, tudo poderia ser objeto de pesquisa das ciências sociais.

Em suma, prevalece a crença de que o não quantificável é cientificamente irrelevante. Boaventura Santos também critica a cristalização dos métodos científicos e aponta a possibilidade de erro nessas metodologias, mesmo que nos pareça óbvio. É de se ressaltar que a ideia do mundo-máquina se mostra poderosa, pois pode se transformar numa hipótese universal da época moderna, o mecanicismo.

Por fim, o autor considera que a ciência moderna trouxe a mecanização à natureza, pois a transformou em algo a ser racionalizado ao invés de apenas natural, para ele

O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela

capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar (Santos, 1988, p. 51).

Para Boaventura Santos, esse também é “horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia ascendente que via na sociedade em começava a dominar o estágio final da evolução da humanidade” (Santos, 1988, p. 51). Esta distinção entre condições iniciais e leis da natureza não é natural e sim arbitrária, todavia, nela está assentada a ciência moderna.

Todos os problemas elencados nos informam as consequências que vivemos na atualidade, ou seja, uma crise dos fatos, sendo que poucas pessoas acreditam na pesquisa científica. A solução de Boaventura Santos defende a reconstrução total da ciência e o renascimento acerca das ciências humanas, de modo que sejam valorizadas a subjetividade e a complexidade humana, pois aproximarão a linguagem científica do senso coletivo. Em suma, os princípios epistemológicos e suas regras metodológicas que precisam ser rompidos.

Produzido nos últimos duzentos anos, na Europa e América do Norte, sob a égide das revoluções industriais, capitalismo, colonialismo e imperialismo, o conhecimento considerado hegemônico, filosófico e científico, é questionado por Boaventura Santos, através de um procedimento por ele chamado de *sociologia das ausências*, onde o autor objetiva a transformação de objetos impossíveis. Essa mudança busca objetos possíveis e a transformação das ausências em presenças. Para Boaventura Santos, a tradição científica ou, ainda, tradição filosófica ocidental (por ele considerada importante), está fundamentada em cinco monoculturas, que desconsideram e desperdiçam uma riqueza social.

Monocultura do saber e do rigor do saber

Qual seria o rigor da ciência? A monocultura do saber e do rigor, considera como único saber privilegiado as ciências. Não há outros saberes, não se considera opiniões, superstições, barbarismos, metáforas, coisas consideradas horríveis e até perigosas como obras e pensamento do demônio, assim, negando tais saberes, a ciência colaborou ativamente na monocultura do saber, pois tudo o que ela não legitima ou reconhece é declarado inexistente. A não-existência assume aqui a forma de ignorância ou incultura.

Monocultura do tempo linear

Obviamente a ciência é o progresso, é levar para o futuro, romper com o passado, toda ela é de avanço, na tradição ocidental, formulou-se nos últimos anos de diversas formas: progresso, revolução, modernização, desenvolvimento, crescimentos, globalização, formulações cuja ideia é de que o tempo é linear e que na frente do tempo seguem os países centrais do sistema mundial e, seguidos, dos conhecimentos, instituições e a formas de sociabilidade que eles dominam. Nessa lógica, outros tempos são considerados inexistentes, tudo que a seu juízo é considerado atrasado não é avançado. Para Boaventura Santos, desconsideram outros tempos como “o tempo do camponês, o tempo circular da agricultura, o tempo das estações, o tempo da vida da natureza, são tempos que foram deixados de ser considerados. O único tempo que considera é o tempo linear.” (Santos, 2022, relato oral)

Monocultura das classificações (ou da naturalização das diferenças)

Consiste na distribuição naturalizada das populações por categorias hierárquias. No capitalismo, as que mais se sobressaíram foram as classificações racial e sexual. Classificações da ciência moderna que extinguíram a natureza e a humanidade. “De acordo com esta lógica, a não existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior” (Santos, 2002, p. 248).

Monocultura da escala dominante

Na modernidade ocidental, a escala dominante opera sob duas formas principais: universal e global, desconsiderando todas outras realidades e seus contextos, sendo consideradas particulares ou nacionais. Nessa lógica, a não-existência é produzida sob a forma do particular e do local, ou seja, as realidades ou entidades definidas como particulares ou locais, perdem credibilidade frente ao que existe de modo universal ou global.

Monocultura da produtividade (dos critérios de produtividade)

A não existência aqui, se revela nos critérios de produção capitalista, em que o crescimento econômico é o objetivo. Por exemplo, a produtividade capitalista quer a produtividade da terra, num ciclo de produção onde se põe os adubos, inseticidas, pesticidas, e a terra produz. Em contrapartida, desconsidera conhecimentos da terra do camponês de que a

terra precisar descansar, pousar; os camponeses sabem que a terra produz um ano e no outro está a descansar.

Essa ideia deu início a uma crítica ao papel que a ciências teve no colonialismo, no capitalismo, no patriarcado, porque é a própria ciência que tornou científico o racismo. A chamada ciência racista do século XIX é o que é exatamente por mostrar cientificamente que há raças superiores e raças inferiores, e o patriarcado, que é também uma ciência sexista, vai mostrar não só que a mulher é inferior ao homem, como certas doenças das mulheres são precisamente por desvios do seu comportamento, como é o caso do histerismo e muitos outros, o que é uma forma de estigmatização de identidade da mulher. A partir de pressupostos científicos feita por cientistas, majoritariamente homens, a ciência colaborou muito para aquela tríade de dominação por Boaventura Santos denominada capitalismo, colonialismo e patriarcado.

As ciências foram grandes agentes das monoculturas, responsáveis pela produção de ausências nas sociedades modernas, que tornaram invisíveis e/ou irrelevantes grupos sociais e modos de vidas social, rotulando-os de ignorantes, primitivos, inferiores, locais ou improdutivos. Tais rótulos, quando atribuídos no grau de intensidade máxima, geraram exclusões abissais, e, logo, ausências.

Ao reconhecer tais exclusões, Santos (2022, relato oral), utilizou-se das epistemologias do sul para trazer à tona outros conhecimentos não considerados científicos, os conhecimentos nascidos nas lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Seu intuito não é o de dignificar tais conhecimentos, pois a seu ver, eles não precisam disso, mas para dignificar a epistemologia neles presente, questionando o porquê a ciência tem o privilégio de ser o único conhecimento válido e porque a maioria da população não tem acesso a ele; ela usa a ciência na sua vida, mas por não ser cientista, dizemos que não têm nenhum conhecimento válido.

Reconhecer esta diversidade, à luz das epistemologias do sul, traduz-se no que o autor denomina “ecologia de saberes”, isto é, a partir do reconhecimento da copresença⁴ de diferentes saberes, a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles, a fim de elevar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão, trabalhando a ideia de participação das ciências.

O lugar das ciências nas epistemologias do sul são uma reivindicação epistemológica, de dignidade dos conhecimentos nascidos ou usados nas lutas contra o capitalismo, o

⁴ Para Boaventura Santos, a copresença, se refere a práticas e agentes de ambos os lados da linha abissal são considerados contemporâneos em termos igualitários.

colonialismo e o patriarcado. Conhecimentos esses que, muitas vezes, se utilizam de conhecimentos científicos. Boaventura cita o exemplo da luta contra os agrotóxicos no Brasil, cujo pesticidas usados na agroindústria, são veneno para nossos corpos e para o pulmão dos trabalhadores que vivem naquela agricultura. Ele contou, na experiência vivenciada, com cientistas, como geólogos, antropólogos, químicos, biólogos, engenheiros, agrônomos, mas também outros, o conhecimento dos camponeses, das organizações de movimentos sociais, do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e de demais pessoas, que sabiam nas suas comunidades quando é que o inseticida, cuja formicacão é aérea, se tinha vento, obviamente levava o veneno para dentro das escolas, para dentro das casas, ou seja; reconhecendo que a ciência tem essa ambivalência. A partir desse exemplo, Boaventura Santos afirma que “[...] a ciência tem esta ambivalência. Pode ser por um lado marco de dominação, mas pode ser também um instrumento de emancipação ou libertação. Desde que não sozinha. Desde que ela não pense que pode fazer isso sozinha” (Santos, 2022, relato oral). Com tal relato, busca demonstrar que a ciência tem sido mais perigosa fundamentalmente porque não temos sabido ver os limites dos contributos. Reconhecer seus contributos é um dos papéis das epistemologias do sul.

Tais epistemologias partem do pressuposto que a ciência é um conhecimento válido, mas não é o único, há outros. A diversidade na ciência é boa, mas na modernidade ela teve uma outra marca, seu papel foi definir a missão entre quem é civilizado e quem é bárbaro, selvagem, primitivo. Reconhecer tais marcas, é conceituado por Boaventura Santos por “pedagogia das ausências”, que é o mecanismo por ele denominado como o conhecimento dominante que criou ausências, isto é, não reconheceu que há coisas no mundo que existem, mas como não são por eles vistas, produz ausências, considera-as inexistentes. Reconhecer tais ausências é a primeira tarefa das epistemologias do sul, ou seja, estudar na realidade social o que parece aí não existir.

Outro conceito fundamental para as epistemologias do sul é o conceito de luta, que na luta anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcal não se admite relativismo, porque ou se está do lado da luta ou se está contra a luta. Em que o papel das ciências é, em que medida pode nos ajudar na luta anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcal. Em sua aula magistral, dá um exemplo de que há muita ciência na luta contra o patriarcado: relata o caso da pílula contraceptiva,

[...] ela é uma bricolagem, não é só conhecimento científico, é um produto conjunto de três coisas: uma grande militante feminista, uma senhora que ganhou uma fortuna enorme na indústria e que tinha muito dinheiro para financiar uma pesquisa e um químico que estudou o sistema reprodutivo e que

produziu a pílula contraceptiva. O que contribuiu para os direitos reprodutivos e de libertação das mulheres. Mas, não é apenas uma coisa da ciência, é uma coisa que também mudou, se não houvesse militância política das mulheres, não haveria pílula. (...) Então, perguntei a um biólogo, “Como está a pílula contraceptiva para os homens?” (...) Não sabemos, pois continuamos numa sociedade patriarcal, é - por isso que há pílulas contraceptivas para mulheres e não para os homens, não há outra razão. Nas coisas que parecem autônomas e científicas, a gente vê o retrato de nossa sociedade patriarcal. Mas também mistura das coisas, a ciências, pode contribuir para uma luta, mas ela nunca teria contribuído se não houvesse mobilização feminista. (Santos, 2022, relato oral).

A ciência, por si própria, não vai resolver nenhum dos problemas; é política, é mobilização que resolve e a ciência pode ajudar. E pode ajudar como? Na medida em que souber até que ponto vai estar, que não pode resolver todo o problema, e é aí que entramos com o conceito das *ecologias dos saberes*.

A *ecologia dos saberes* é um conceito fundamental na construção epistemológica de Boaventura Santos, porque é o diálogo entre as ciências e os outros saberes. Só que não é um diálogo apenas, é uma ecologia, porque ecologia é um processo de transformação recíproco e afirma que

A ciência que quer trabalhar com outros conhecimentos tem que ser uma ciência diferente daquela ciência que não quer trabalhar com outros saberes. E ela vai se alterar porque é uma ciência que está disponível para se alterar e modificar com o que vai aprender de outros conhecimentos e ao mesmo tempo os outros conhecimentos também podem aprender com ela, e transformar-se com ela (Santos, 2022, relato oral).

Boaventura Santos denomina como pós-abissal a ciência que não pode resolver tudo e que sabe que não pode resolver tudo, interrompendo o que pretendia resolver a certa altura, todavia, questiona:

Por quê, sempre que entra um cientista para resolver um problema urbano, ou rural, ele ou ela quer resolver tudo, ele ou ela expulsa imediatamente qualquer outra pessoa. “Por que esta é a minha área e é sua área do saber?” E em muitas sociedades há muita gente com muitos saberes e muitas outras sociedades são mais avançadas do que as sociedades europeias nesse domínio (Santos, 2022, relato oral).

Para exemplificar, ele relata que num hospital em Moçambique, ainda há pouco tempo, andavam lado a lado médicos de medicina oficial com médicos tradicionais, que tinham autorização para trabalhar para certo tipo de doença mais continuada, trabalhavam ao lado com os médicos profissionais. Uma ecologia de saberes médicos. Numa sociedade com domínio de valores imperialista e do colonialista, isso não seria possível, perde a comunidade, perde a

diversidade de saberes, pois vão propagandear que os médicos tradicionais são o demônio, para que tudo seja dominado pelas empresas farmacêuticas e obviamente pelos médicos formados nas faculdades de medicina. (Santos, 2022, relato oral)

Logo, a ciência não é autônoma. Ela está sempre ligada aos objetivos políticos. A ecologia dos saberes exige, assim, uma ciência pós abissal, que é aquela que as epistemologias do sul procuram fazer. Fazer ciência, mas essa ciência é uma que deve ter conhecimento da sua força e dos seus limites e que deve saber conhecer com e não apenas conhecer sobre. Pode ser sobre poema, sobre história, sobre cidadão, sobre comunidade, não interessa. Uma coisa é conhecer com outra coisa é conhecer sobre. Porque quando conheço sobre, estou a impedir que o outro seja um sujeito, porque estou a fazer um objeto, um objeto não pensa, quando se conhece com, cria-se subjetividades, respeito pelos outros.

A ecologia de saberes surge no diálogo entre conhecimentos, uma nova epistemologia que atua no modo como a ciência pode contribuir para a luta anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcal. Ação fundamental na nossa sociedade, e não podemos dispensar essa luta, e sim valorizar o apanhado de culturas distantes, em todos os espaços, seja numa reunião ou no trabalho, é preciso saber sempre utilizar nosso conhecimento quando ele é útil. Assim se constroem sujeitos.

A solução dos problemas, por exemplo de um ponto de vista planetário, demandará uma solução de composição de saberes, saberes técnicos e saberes informados. Os conhecimentos implicam em soluções; há vários conceitos de libertação, de emancipação, que necessitam se articular nas lutas, mesmo reconhecendo que não há como articular todos para a mesma luta, seja a luta anticapitalista, seja a luta antissexista, seja a luta antipatriarcal, seja na luta anticolonial, é preciso ver todas as lutas, nem que seja com o “rabo do olho”. Estar sempre atento as outras lutas, porque essa articulação é fundamental nas lutas.

Religião

Da perspectiva das epistemologias do sul, a religião é um dos temas menos aprofundados por Boaventura Santos.

Na obra “*Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*” (2014), escrita sob a ótica dos direitos humanos, ele aborda o “ativismo” de Deus, ele retratava um Deus mais próximo dos humanos do que da natureza, todavia, considerando que direitos humanos eram uma coisa recente, no final do livro ele questionou-se quem seria Deus antes da existência dos direitos humanos, apontando que o Deus para aqueles para quem os direitos humanos foram concebidos,

os que os estão do lado de cá da linha abissal, e que deixou de fora as vítimas do colonialismo histórico, que continua sob outras formas (neocolonialismo, racismo, xenofobia, trabalhadores imigrantes indocumentados, cidadãos comuns vítimas de rígidas políticas ditadas pelo capital financeiro, etc.) e apontando, metaforicamente, que se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, ele seria politeísta, Deuses, atuando numa concepção contra hegemônica, em prol dos oprimidos, nas lutas sociais e políticas.

Na atualidade, o pesquisador questiona sua certeza de que Deus possa estar mais próximo dos humanos do que da natureza, questões que para ele não podem ser respondidas cabalmente, mas como uma construção e elaboração que segue. Boaventura Santos considera que a instrumentalização política da religião é um tema absolutamente presente no nosso tempo.

Ele vê a religião, especialmente a religião conservadora, sendo usada politicamente para polarizar conflitos sociais, cita como exemplos, a Europa Cristã contra o inimigo do Islã e os valores cristãos contra o aborto e a homossexualidade. A religião como sendo um campo de batalha e um instrumento de dominação e talvez também um instrumento de resistência, um elemento de resistência, portanto, não aceitando, de maneira nenhuma, descartar o papel fundamental da religião no nosso tempo. Para o autor, isso é novo, sobretudo porque a ideia dominante no século XVII, do progresso, do tempo linear, obrigava a tornar tudo o que não era dominante em processo de extinção, ou seja, a ideia de que a religião, o campesinato, os povos indígenas, eram resíduos do passado, predestinados a desaparecer. Hoje afirma que a religião não só não desapareceu, como pelo contrário, está cada vez mais presente, assim como os povos indígenas e os camponeses não desapareceram.

Na busca das relações da religião com as epistemologias do sul, Boaventura, volta seu olhar às religiões monoteístas, e elabora algumas reflexões.

O conhecimento produzido pela religião é verdadeiro ou ilusório?

Estudioso do pensamento epistemológico de Ibn Khaldun, um intelectual árabe e muçulmano do século XIV, Boaventura Santos busca através desse cientista apresentar uma visão ignorada pelo mundo ocidental, e desenvolvida em uma época em que o paradigma eurocêntrico do progresso e tempo linear inexistiam para aquela sociedade. Boaventura Santos explica que Ibn Khaldun classificou a ciência em duas categorias: a ciência religiosa e a não religiosa.

Para Ibn Khaldun há uma ciência observação, que é espiritual, a ciência da religião, que diz respeito ao Alcorão, e está articulada ao profeta Muhammad e uma outra, a ciência da

revolução, ou a ciência tradicional, definida como as ciências intelectuais englobando a lógica, aritmética, geometria, astronomia etc. e ciências auxiliares como linguagem, literatura, poesia etc. (sugerindo que possivelmente mais divisões aparecerão no futuro com diferentes sociedades).

Ibn Khaldun viveu intensamente as duas formas de ciência em sua vida. Uma contradição? Para Boaventura Santos não, é uma demonstração de que a racionalidade da ciência é limitada, pois Ibn Khaldun é extremamente laico quando analisa as sociedades humanas e um pregador e juiz das leis islâmica e do Cairo. Segundo Boaventura Santos, nós fomos treinados na ideia de que não há contradição, cita o exemplo de Newton, que ao mesmo tempo que descobriu a lei da gravidade, foi o homem que fazia horóscopos, viveu da astrologia, acreditou nos astros e na influência dos astros, com o seu conhecimento misturou ciência medieval com ciências moderna. Tal contradição geralmente não exposta quando se ensina sobre Newton, porque sempre se acreditou que o outro conhecimento não era válido, assim, não vemos nossas contradições, porque elas são tão familiares que não as vemos. Portanto, Boaventura Santos vê que o pensamento de Ibn Khaldun nos ajuda a ver os limites da racionalidade da ciência, os limites das nossas capacidades para analisar as sociedades, mas também a ver, efetivamente, que os instrumentos que temos não são só os do Ocidente, há outros, que estiveram presentes em outras sociedades.

Leituras de uma visão não eurocêntrica, como a de Ibn Khaldun não devem ser interpretadas através das conveniências europeias, mas sob o viés intercultural, não se trata de abandonar os conhecimentos eurocêntricos, mas garantir a diversidade de conhecimentos, contextualizando-os num campo muito mais vasto. Para Boaventura, talvez assim possamos ficar mais sensibilizados para coisas que a gente hoje vê nas sociedades contemporâneas e que não entenda, não entenda a luz dos nossos conceitos, não entenda a luz das nossas teorias, mas se mudarmos as teorias e os conceitos, talvez a gente compreenda. Ou seja, o exemplo do pensamento epistemológico de Ibn Khaldun deve ser lido não como uma relíquia do passado, mas como um autor que procura enfrentar problemas que, elaborados na África, não são tão distantes dos problemas que hoje vivemos, e que ele considera como sendo problemas que misturam grande turbulência com grande estagnação social. Um autor como Ibn Khaldun, com essa complexidade, nos ajuda a entender os nossos problemas, não só do norte da África, mas o nosso aqui, e nesse sentido, abrir o nosso olhar.

Tal visão, no mundo eurocêntrico, especialmente depois do século XIX, foi “invalidada”, identificando o conhecimento religioso como ilusório, ou seja, não verdadeiro,

fato que Boaventura Santos considera um tema interessante e que nos convida a investigar cientificamente se é assim, fundamentalmente, porque vivemos num ciclo reacionário, extremamente conservador e de extrema direita, em muitos países, em que a religião “está a ser bandida”, uma arma em que por opção, está sendo utilizada, por algumas correntes religiosas, ativamente como um suporte das formas de dominação da nossa sociedade. E o grande problema identificado pelo autor é que esta religião pode ter duas leituras: a religião dos opressores e dos oprimidos.

Há uma religião dos opressores e uma religião dos oprimidos ou toda religião é uma?

Em 1963, Vitorio Lanternari publicou um livro chamado “A religião dos oprimidos”, foi esse livro que inspirou diretamente o título da dissertação de doutoramento de Boaventura Santos, “O direito dos oprimidos”, Universidade de Yale (1973), inspiração vinda ainda da recorrência do tema nos anos 60 de obras como: Paulo Freire com a Pedagogia do Oprimido (1968) e Augusto Boal, com o Teatro do Oprimido, produções que falavam dos oprimidos e da opressão, inspiradas no contexto da época nos países latino-americanos de ditaduras, muita miséria e sofrimento. Para o autor, o tema continua necessário e atual em nosso tempo; falar de modelos de opressão é tema das epistemologias do sul, que se interessa nas formas de resistência, cujo procedimento metodológico visa fortalecer as lutas e resistências contra a opressão, assim, à religião interessa identificar que há uma religião dos oprimidos e não somente uma religião que é pura e simplesmente é um instrumento dos opressores.

Para Santos, a religião dos opressores vinca a linha abissal, a religião dos oprimidos ajuda a eliminar a linha abissal, por isso é necessário distinguirmos a religião dos opressores da dos oprimidos. Reconhecer isso nos permite ver como nossa sociedade continua a utilizar a religião tanto como opressora, quanto eventualmente como arma de resistência. Para as epistemologias do sul, interessa ver esse lado da religião dos oprimidos.

Para situar a distinção entre ambas as religiões, Boaventura Santos (2019-b) argumenta: “o ser humano é finito, por isso cria Deus, que é potencialmente infinito, isto é, o ser humano aspira a finitude sem nunca poder alcançá-la, mas oscila entre dois extremos, um dos extremos é o sucesso da infinitude e o outro é o sucesso da finitude”.

Ou seja, há grupos sociais que se sentem de tal maneira poderosos que partem da premissa de que são infinitos em seu poder, portanto há um sucesso de infinito, são aqueles que só tem esperança, não tem medo, um por cento desse mundo pode ser desses que tem o sucesso de infinitude. Praticamente o mundo está a sua disposição, podem fazer tudo o que quiserem,

poluem a cidade, compram uma ilha no Pacífico, precisam se sentir seguros para se proteger de todos os riscos futuros das próximas gerações, tem dinheiro para comprar tudo, há um sucesso de infinitude.

No outro extremo, há hoje muita gente que vive com o sucesso de finitude, vidas truncadas, mutiladas, torturadas, marginalizadas, oprimidas, discriminadas, sem grande esperança, sem grande ideia de potência de infinitude, sem grande ideia de que possam superar essa finitude, há um sucesso de finitude na medida em que há uma pequenez tão grande perante o poder que não merece mudar, não merece permutar.

Portanto, nós vivemos numa sociedade que é muito desequilibrada, devido a todas as desigualdades criadas pelas formas de dominação, há grupos sociais que tem sucesso de infinitude e grupos sociais que tem sucesso de finitude. E vivem de maneira diferente, as experiências de vida desses seres são diferentes. Aqueles que tem um sucesso de finitude vivem em finitude permanente, hoje estão vivos, amanhã podem estar mortos, são inseguros, não podem obter nenhum seguro. Aqueles que tem o sucesso de infinitude vivem obcecados pela segurança quanto ao perigo, portanto, praticamente conseguem um seguro total em razão de todos os possíveis perigos, e vivem obcecados por essa ideia, por isso se defendem, por isso criam castelos feudais, criam condomínios fechados, por isso se armam, porque tudo é arma contra o perigo e têm dinheiro para fazer. Enquanto grande parte da população vive em perigo, há uma pequena parte que se consegue segurar contra o perigo. O que a religião faz nesses dois casos?

Segundo Boaventura Santos, para quem vive em perigo, seguramente, a religião é de fato um ópio, é uma forma de adaptar-se, é a forma de viver na miséria, de poder se adaptar a tanto maltrato e minorar de alguma maneira esse mal trato, ao mesmo tempo continuar falando, comendo uma refeição etc. A religião é adaptativa para quem vive em perigo, portanto, pode minorar um pouco esse perigo.

Aqueles que vivem obcecados pela segurança e tem direito a segurança quanto aos perigos, usam exatamente a religião dos opressores, para garantir mais segurança põem a religião ao seu lado. A religião conservadora de hoje é isso, põem-se os ministros dela para terem poder político e poder religioso, é por isso que hoje dizemos que estamos em uma época pós-secular. A religião está cada vez mais presente no espaço público, pois até são ministros, portanto, e cada vez mais a religião dá uma legitimação de segurança extraordinária, porque estão do lado de Deus, não se pode estar de um lado mais certo, está-se do lado daquele que é,

onipresente, onisciente. A religião dos opressores hoje tem um papel fundamental em dar segurança aqueles que vivem obcecados por segurança, contra todos os perigos.

Mas há terceiro grupo, esse que interessa para as epistemologias do sul, é um grupo que pode ser grande ou pode ser pequeno, formado por aqueles que vivem perigosamente, aqueles que estão na resistência e contra a dominação, e aí sim, esses usam a religião, e podem usar a religião exatamente para fortalecer essa mesma resistência, porque, para quem vive perigosamente a religião tem uma tarefa adicional, é que ela tem que lutar contra o poder secular do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado, e contra a religião dos opressores. Assim, hoje, a religião só pode ter do ponto de vista das epistemologias do sul uma visão de luta contra a dominação se ela for efetivamente essa força que ajuda a viver perigosamente, viver contra a corrente, é um viver contra a dominação, e aí sim a religião pode desempenhar um papel.

Para exemplificar essa religião que resiste, Boaventura Santos busca inspiração de um teórico marxista latino-americano, Mariátequi. Mariátequi foi um peruano, que viveu intensamente a religiosidade dos indígenas, identificando que grande parte da população indígena é uma população profundamente religiosa. A religião deles é uma mistura, não apenas imposta pela igreja católica, mas também porque os incas tinham rituais extremamente faustosos, muito semelhantes aos rituais faustosos da igreja católica, por isso, facilmente se adaptaram a esses. A religiosidade vivida pelos indígenas reflete o que chamamos de espiritualidade, não só um bem viver associar, mas essencialmente uma relação com a natureza, uma outra forma de relacionar-se com a natureza, é a ideia espinosiana de que Deus está mais próximo da natureza do que nós, porque nós estamos dentro da natureza e podemos ser contemplado por Deus, não é porque nós estamos fora da natureza, é porque estamos lá dentro, somos parte dela, esta é a ideia do Espinosa⁵, apropriada por Mariátequi ao defender que a luta revolucionária na América Latina tem que ser um ato de fé, não pode ser algo só racional. Tem que ser uma racionalidade científica, mas legitimada por uma fé e uma coragem; conclui Boaventura Santos que o núcleo duro da religião dos oprimidos é a religião que garante àqueles que vivem perigosamente, uma força adicional, portanto, pode ser utilizada exatamente por isso.

⁵ Baruch de Espinosa, foi um pensador nascido na Holanda em 1632, educado na tradição judaica, afastou-se ao receber influências de correntes dissidentes do judaísmo. Defendia a separação entre Estado e Igreja, e foi um grande crítico das superstições, tanto religiosas e políticas como filosóficas. Para Espinosa Deus não era um ser superior e separado de tudo, e sim a natureza e Deus eram a mesma coisa. Para ele, tudo que existe é uma forma de Deus.

Se há uma religião dos opressores e uma religião dos oprimidos, que conhecimentos elas produzem, um conhecimento falso e ilusório ou um conhecimento produzido?

Na tradição do domínio do mundo eurocêntrico sobre o mundo não eurocêntrico, a religião cumpriu um papel de agente da colonização, a evangelização foi um agente a serviço do capitalismo, colonialismo e patriarcado, e, portanto, esse eurocentrismo está implícito na maneira como hoje se concebe as religiões, e a partir daí, encontramos as raízes de uma leitura não eurocêntrica das religiões.

Há duas formas de analisarmos isso, se realmente os textos sagrados são conhecimento verdadeiro, e isso normalmente deve ser deixado para as teologias, ou se, não é o conhecimento verdadeiro, mas existe na realidade social em que se vive, que está aí, então, esse conhecimento é falso, é ilusório, mas está aí, e como tal exige uma epistemologia do conhecimento. Portanto, de um lado a teologia e, de outro lado, de uma outra epistemologia.

Nas epistemologias do sul vimos que são três as grandes formas de dominação, capitalismo, colonialismo e patriarcado (ou heteropatriarcado), portanto, temos que saber se a religião, na medida em que contribui para a dominação e para a opressão, é uma forma de dominação autônoma ou é uma forma de dominação satélite. Ou seja, se é uma quarta forma de dominação, cita como exemplo Israel, questionando se o que ocorre naquele país é uma forma autônoma ou é uma forma de dominação satélite? Para Boaventura Santos, é uma forma de dominação que serve os interesses do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado e que o reforça.

Segundo o autor, os três modos de dominação moderna são esses três e a religião é acionada como uma forma satélite, suplementar, complementar, reforçadora, multiplicadora, dessas formas de dominação, uma espécie de impulsionadora das três formas de dominação. Posto essa questão, argumenta que se a religião é uma forma de dominação satélite, também pode ser um instrumento adicional nas lutas contra a dominação. Nas lutas de resistência contra o capitalismo, colonialismo e patriarcado.

Ao se inclinar em reconhecer que a religião é um instrumento adicional na luta anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcal, questiona como é possível fazermos uma tradução intercultural entre conhecimentos religiosos e conhecimentos profanos.

Pode se fazer tradução intercultural entre o conhecimento religioso e o conhecimento profano?

Como juntar numa luta um que acredita numa divindade e é por ordem dessa divindade que ele luta, com um outro que não acredita nessa divindade e por uma ordem de razões por causas que luta. Ao identificar o valor, crer ou não crer, o desafio de uma tradução intercultural torna-se maior

Se as lutas contra a opressão são em grande medida lutas dos conhecimentos populares, seculares, como é que o conhecimento da religião se integra com isso. Como é possível traduzir o conhecimento religioso com o conhecimento profano. E esta é uma das tarefas fundamentais.

Do ponto de vista de Boaventura Santos, o que nós temos que encontrar são os pontos de contato que não permitem de maneira nenhuma total transparência, mas também evitam a incomensurabilidade, e para ele, essa tradução intercultural das lutas religiosas e profanas está no conceito de dignidade, de respeito.

A dignidade porque é um valor absoluto para ser humano. E o que é ser humano? Hoje temos uma posição mais ampla do que aquela do próprio indígena de que é digno tudo aquilo que existe, porque para a cosmovisão indígena, o sentir e o pensar não são uma exclusividade dos humanos. Os rios pensam, as florestas pensam, os animais pensam e sentem, podemos dizer não um conhecimento, mas um cosmo conhecimento. Algo inóspito, isso, nos obriga a dar a possibilidade de que esses conceitos podem encontrar-se em conceitos que são inteligíveis para um não crente. O conceito de dignidade é uma igualdade radical. O conceito de respeito é a garantia da diferença. O respeito à diferença. Portanto, dignidade e respeito são dois conceitos fundamentais da cosmovisão indígena.

Considerações finais

Para as epistemologias do sul, que buscam os que foram mais ultrajados pelo colonialismo, capitalismo e patriarcado moderno, pode ser a partir daí que podemos encontrar uma forma de dar dignidade a luta e incluir a religião nelas. Essa seria, para Boaventura Santos, uma forma de fazermos tradução intercultural, que obviamente também tem que ser uma tradução entre as diferentes religiões, que não é problemática nesse caso, pois as diferentes religiões têm muitas coisas em comum, e, portanto, essas podem ser traduzidas.

Ao reconhecer não ter feito pesquisas necessárias para confirmar se dignidade e respeito seriam os conceitos necessários, Boaventura Santos afirma que, no budismo, pode ser o

conceito de harmonia, os conceitos holísticos de harmonia, ou podem ser outros conceitos, mas são os que levam a essa ideia de que é possível traduzir o que para uns são uma crença e para outros é apenas uma luta por uma causa profana deste mundo.

No fundo, ele considera que a religião dos oprimidos é sempre uma salvação desse mundo. Ela opera enquanto religião dos oprimidos na medida em que contribui para uma melhoria da vida neste mundo, independentemente de que muitos daqueles que são religiosos, pensem que estão por isso a garantir a vida eterna, mas enquanto religião dos oprimidos, na luta contra a opressão, ela é fundamental.

A obra de Boaventura Santos traz, então, muitas contribuições. Debruçamo-nos em algumas delas, visando identificar como a universidade, com qual concepção de ciência e como a religião, podem, à luz das epistemologias do sul, diminuir a visão de uma universidade elitista, ampliar a visão de ciência centrada num modelo único e como a religião, na atualidade fortemente centrada a manter a dominação de uma minoria, pode, com seus saberes, produzidos nas lutas, contra aqueles que mais sofreram as injustiças, produzir uma ruptura epistemológica, que considere seus saberes, atuando na luta contra a opressão acadêmica, científica e religiosa.

A pesquisa não dá conta da compreensão intrínseca sobre todo o processo estrutural que a religião traz à educação no ensino superior, mesmo porque o desdobramento dessa consideração seria o estudo partir da educação básica no Brasil e trazer dentro das Políticas Educacionais e do processo educacional, as identificações com o que se pautou pela decolonialidade ou não. O recorte do estudo está nas universidades e se lança para a ciência, onde entendemos e demonstramos a compreensão do autor, o que contribui para a reflexão da importância de perceber os processos decoloniais também na educação para atuação na implementação de políticas educacionais que conversem com as novas realidades em que esses paradigmas estão sendo rompidos.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 2, n. 2, ago. 1988. DOI: 10.1590/S0103-40141988000200007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. Aula Magistral #1; Pedagogias pós-abissais: as Epistemologias do Sul e a defesa da Universidade; **Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, 24 maio 2019-a. 1h24min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wKyY9qv3qss>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. Aula Magistral #4; A religião, a espiritualidade e a política. O fim da era secular e o princípio de quê?”. **Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, 26 mar. 2019b. 1h17min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RFqp-VG6d3c>. Acesso em: 31 jul.2023

SANTOS, Boaventura de Souza. Um fundador desconhecido das ciências sociais: Ibn Khaldun. **Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra**, 10 mar. 2015. 54:58min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=seQg9_OuWxE. Acesso em: 20 set. 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. Aula Magistral #2; O lugar da ciência nas epistemologias do sul; **Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, 01 abr. 2022.-1h34min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9sx5WUYysKU>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Universidade no Século XXI**: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/bitstreams/d6e8cf26-37dd-49dc-9378-92c7dc784b9c/download>. Acessado em: 16 ago. 2023.

Reconhecimentos: Agradecemos as contribuições nas discussões aos participantes dos grupos de pesquisa: Africanidades e Educação em Direitos Humanos da UFABC.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesses.

Aprovação ética: O trabalho teve respeito a ético durante a pesquisa, mas não necessitou de aprovação pelo Comitê de Ética por se tratar de revisão bibliográfica.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponibilizados conforme as referências bibliográficas.

Contribuições dos autores: Cecília de Oliveira Prado (autora principal), Ana Maria Dietrich (orientadora).

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

